

RELIQUIAS E TESTEMUNHO DO RITO MOZARÁBICO EM LISBOA

Antes da reconquista de Lisboa aos mouros, por El Rei D. Afonso Henriques, auxiliado por cruzados ingleses, flamengos e alemães a caminho da Palestina (1147), parece que na cidade existia uma comunidade cristã, mozarábica. O relato das operações, conservado numa célebre carta de um cruzado inglês a certo Osberto, fala de um bispo da cidade, que pretendia parlamentar com os sitiados e foi morto.

Deveria, pois, ter havido uma ou mais paróquias na antiga cidade. Extravassada esta da velha cerca moura, em redor do castelo, para nova cerca muito mais ampla, surgiu, nas faldas do mesmo castelo uma igreja paroquial. Diz-se que foi a segunda paróquia erigida pelo novo bispo latino, contemporâneo da conquista, Gilberto, um inglês, a primeira seria a da Sé Catedral. Como tutelares ou patronos desta paróquia foram escolhidas as santas Justa e Rufina.

Revela esta escolha tradição manifesta do culto e rito mozarábico, já que em Toledo existia — e existe — desde os tempos do rei godo Atanagildo idêntica paróquia, com os mesmos santos patronos. Seria, da parte do bispo novo, transladação de uma antiga paróquia da mesma invocação para outro local, ou erecção em paroquial de qualquer ermida já existente, ou ainda captação dos cristãos mozarábes ao novo senhor da cidade, pela conservação do antigo culto de santos tradicionais seus.

A matriz desta paróquia, no século dezoito, era uma formosa e grande igreja, localizada,

mais ou menos, na actual rua ainda de Santa Justa. O terramoto de 1755 arruinou-a por completo e as suas ruínas foram demolidas para a regularização da nova baixa da cidade, segundo os planos pombalinos. A sede da paróquia foi transferida para a grande igreja do próximo convento dominicano, que se reconstruiu. Essa igreja, que sofreu fortuito incêndio, mas está reaberta ao culto, embora seja mais conhecida por igreja de São Domingos, continua a ser canónica e oficialmente a igreja matriz da paróquia das Santas Justa e Rufina, e constitui, por isso, uma relíquia e testemunho do culto e rito mozarabe dos cristãos de Lisboa, durante a dominação mulçumana.

Mas, mais explícito da conservação em Lisboa do rito mozarábico, foi o antigo altar de S. Vicente, na Sé Catedral.

Ali, até ao terramoto de 1755 que o arruinou, se cantava missa todos os dias, em rito mozarábico, segundo atesta o Ms. "Architecto Pio e Concorde", que se conserva num cofre do Paço Patriarcal.

O falecido grande liturgista, Mons. Cónego Pereira dos Reis, pensou em fazer reviver este rito na Sé de Lisboa, mas a actual penúria do clero e outras razões fizeram-no desistir do intento. O Rev. Pe. Julio de Oliveira Boturão tem em preparação estudos sobre o culto de S. Vicente e sobre o rito mozarábico.

Marquês de São Payo
da Academia Portuguesa da História